

AO N.º 2137 DO



otou-se hon-
tem uma com-
sa célebre em
Lisboa. To-
dos os homens
gordos anda-
vam aos pul-
linhos como
gafanhotos,
contentes, có-
rados como ra-

banos, alegres como pintacilgos, e tezos como alhos, ao mesmo tempo que os magros e altos pareciam terem-se encolhido mais na grossura, e crescido na altura! E qual seria o motivo d'este contraste? Ninguém o sabe, mas affirma-se ter-se-lhe ouvido fallar muito em *ferrinhos*. Os gordos com alegria, e os magros com susto.

Ignoramos que relação teem *ferrinhos* com homens gordos, ou com espinhas ambulantes!

Os gordos dizem ser aquelles senhores, que vivem de cardar o cidadão, e chuchar-lhe o tontico; quanto aos magros, sabemos que alguns são empregados publicos. Em quanto não soubermos a verdadeira causa, nada diremos de positivo. O Supplemento espera.



mocho que pia-
va nos telhados
de S. Bento, e que
agourou a morte
aos illustres varões
(de saudosa memo-
ria) que alli se reu-
niam, passou agora a fazer o ninho nos
telhados do José ao Poço Novo, e desde a
noite de 14 do mez passado se ouve alli
piar.

Os moradores daquelle sitio acham-se
consternados com tal successo, receando
que alguma má nova venha a acontecer
deste agouro.



e a agoa do mar fôra tinta, e
os peixes que nelle ha fossem
escrivães, e cada um tivesse
cem mãos, e todas ellas a es-
crever mentiras calumnias, e
falsidades tantos annos como
de grãos de areia tem o mar,
não escreveriam tantas como escrevem, e
dizem o José dos conegos no *Estandarte*,
o gozo dos Pobres do Porto, e a catita das
Mercees.

PROSPECTO.



onstando na redacção do
Burlesco o grande atrazo
em que se acha a civili-
sação em Portugal, e as
muitas asneiras que quo-
tidianamente se dizem
sem licença do papa,
houve por bem, ouvindo
o conselho dos redactores do *Estandarte*
e da *Lei*, publicar um

DICCIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA

contendo, além de tudo quanto se acha nos
melhores classicos até hoje publicados,
mais 786,934 termos novos, que se encon-
traram no Poço Novo quando alli se estava
fazendo o canno. Para mais commodidade
do respeitavel e gordo publico, não se dis-
tribue em folhas semanaes a 10 réis; pu-
blica-se juntamente com o Burlesco, de
maneira que os srs. assignantes possuirão
d'ora em diante por 30 rs. uma parte do
dicionario, os artigos que couberem no
resto do espaço, e uma bella caricatura
primorosamente lithographada, e impressa
a obra toda, não em papel velino, mas em
papel Tojal, que é a unica preciosidade
que possuímos.

PROLOGO.

Vulgarmente os prologos são uma canas-
tra de palavões, despejadas em algumas
paginas para elevar a obra á altura de
500,000 braças, mas que comtudo apesar
de nada servir o assignante paga. O nosso
limita-se ás seguintes palavras: — Esta
obra é a melhor e mais interessante que se
tem visto e se hade vêr.

OS REDACTORES.

A.

A, é o tambor-mór do alphabeto de to-
das as nações, e a primeira martellada que
se dá na cabeça das creanças quando vão
á mestra ou á escola. A, longo, expressão
que denunciaram os tomaristas quando vi-
ram Antonio do Alfeite e o seu caleche ir
por cima das ondas como nós por nossa
casa. A, seguido da palavra diheiro, e
deste signal (?) é expressão de empregado
publico no fim de cada mez, e em resul-
tado da resposta que sempre tem, estendem
tres varas de beigo, e sentem uma sezão
que dura 30 ou 31 dias, e que quasi sem-
pre se repete 12 vezes em cada anno.

ADEGA, subst. Logar onde se deposita
e ás vezes se vende vinho. Especie de jar-
dim onde o Marcos está como Deos com
os anjos, como as nymphas no Parnazo,
como o peixinho no mar, e onde goza as
delicias que se pôdem gozar no mundo.

AGIOTA, subst. Vampiro, ave agourei-
ra e carnívora, que se nutre do sangue in-
nocente; em lançando as garras, é raro
quando a preza lhe escapa. São geralmenta
gordos, sua carne é negra e dura, nem os
cães a querem comer.

AGOSTO, 8.º mez do anno civil. Este
mez torna-se historico pelos saltos de ale-
gria que tem dado os agiotas, pela entrada
ahi não sei aonde..... não sei de
quem.....

AJUDA, subst. Freguezia em Belem,
junto a Lisboa.

AJUDA (palacio de) um palacio real que
está por acabar, é collossal e pesado, e
para o tornar mais elegante e leve, couba
a Antonio de Thomar a gloria de lhe tirar
algumas pedras que o tornavam defeituoso,
tornando-o assim mais bello e digno de ser
admirado pelos amadores das bellas artes.

Dizem os antigos, que se elle conti-
nuasse a existir em Lisboa mudava-o para
a calçada da Estrella por ser melhor local,
e proximo da capital. (Nota do auctor).

AGOADEIRO. Homem que vende agos,
e que muitas vezes tem feito parte de qua-
drupede, puchando os excellentes e bem
conhecidos pipinhos-feijões, que tornaram o
seu inventor digno d'eternas luminarias,
em balões.

ANTONIO (santo) foi um virtuoso man-
cebo portuguez com quem o diabo não que-



osé continua a estar es-
condido atraz da porta,
espreitando, e muito
calladinho, á espera da
ocasião de entrar na
partida; mas tem tido
o desgosto de vêr en-
trar e sair os pareci-
ros, e elle sem ser ad-
ni tiulo ao jogo.

Tenha paciencia, por
que o cidadão quando vai ao Jardim My-
thologico, que lhe custa 160 rs. a entrada,
compra o seu bilhete para ir á montanha
russa, que lhe custa 40 rs., e muitas vezes
tem que esperar meia hora pela muita af-
luencia que vulgarmente alli corre.

Ora, o cidadão quando isto lhe acontece
já tem gasto os seus 200 rs., e não vai bus-
car senão o prazer de uma corrida, que
dura oito segundos, e espera; por conse-
quencia, o sr. José, que para entrar não
gasta 200 rs., mas vai buscar duzentas mil
vezes 200 rs., deve esperar duzentas mil
meias horas, que são 4,166 dias e 8 horas.
Bem vê que não é extraordinario 11 annos
e alguns dias. Sabemos que quem espera
desespera, porém tenha paciencia e não de-
sespere, que assim faz quem quer ser bo-
nito.

ria contos, quebrava as bilhas ás raparigas, e concertava-as em um momento. Antonio é o nome de um traficante português, de quem o diabo é muito amigo. — Foi para Londres, e deixou Portugal leve como poz de sapatos, os empregados e povo transparentes como rendas de blonde.

ALCAVALLA, subst. fem. O mesmo que aldrabação. A verdadeira explicação destas duas palavras encontra-se nos archivos de Algodres.

ALDRABAÇÃO, subst. fem. Receita que veio de Thomar para fazer negocios e apañhar pintos a saloios — maquinas para formar de fumo companhias monstros.

ALFACE, subst., comida com pão é jantar de servidor do estado.

ALFANDEGA, subst. Casa onde se despacham e pagam direitos todas as fazendas e generos que veem para Lisboa, menos porcellana, chouriços, e atum, porém não é para todos. Só gosam esta garantia os de Thomar, e seus amigos.

ALFEITE, subst. Quintal ao sul do Téjo, que vale alguns contos de réis, e que se o conde de tomar o não alugasse por meio tostão, talvez estivesse perdido, e os rapazes andariam a brincar por dentro d'elle.

ALGODRES (Fornos d'). São uns fornos na provincia da Beira, onde no tempo dos Serracenos se metteram umas frigideiras com tres cabras para se assarem, e quando sahiram vinham tres bichos, que ainda vi-

vem, e se nutrem simplesmente de ouro: são ferozes, mas não roubam meadas de 6 réis. E' a patria d'Antonio, pôde-se lá estar sem perigo de ficar sem vintem, em consequencia d'elle já lá não estar.

ALMISCAR, subst. Aroma que exalam as peugas de José do Poço Novo, quando está nas influencias com a sua Bernarda.

ATUM, subst. Peixe de pelle, saboroso, que se vende a 50 rs. o arratel. Tornou-se célebre e historico, desde a epocha em que o Felix o papou sem pagar direitos.

Editor — Manoel de Jesus Coelho

LISBOA

Typ. de M. de Jesus Coelho
Rua do Poço dos Negros N.º 54.



REGOZILHO AGIOTAL.

L. R. de Esperança N.º 60